

“MINHA INFLUÊNCIA COM O POVO ERA MEU COMPROMISSO DE LUTA...”: DIÁLOGOS ENTRE A EXPERIÊNCIA E A CONSCIÊNCIA DE CLASSE DE UMA LÍDER CAMPONESA.

Jadson Pereira Vieira, Universidade Federal da Paraíba, PPGH/UFPB

Email: Jadson pv@gmail.com¹

RESUMO.

Este artigo surge da necessidade de articulação dos conceitos históricos de “Experiência de Classe” e “Consciência de Classe” que estão inseridos dentro de um contexto de promoção de ideais semelhantes aos defendidos por Thompson (2011). Mas que também se apresentam sobre o recorte espaço/temporal da comunidade rural Engenho Geraldo de Alagoa Nova-PB, nos anos entre 1975 e 1984. Local onde se desenvolveu um movimento de luta pela terra desenvolvido por lideranças femininas que buscaram o direito à terra e a reforma agrária. Nosso objetivo é perceber como uma destas mulheres, Josefa Ermina Cobé (Nêm Cobé) desenvolveu práticas de sensibilização na comunidade, através da educação popular, com o intuito de promover uma luta coletiva por direitos a um lote de terra. Pensando para isso como esta conseguiu seus objetivos, a partir de seu lugar de feminilidade apresentado de maneira semelhante ao que defendeu Scoot(1996) e como esta, hoje, ver seu passado de luta mostrado por suas memórias, Bosi(2009). Apresento aqui algumas destas práticas de liderança evidenciada em seus relatos orais.

Palavras-chave: Mulher camponesa; Consciência de classe; Luta pela terra.

ABSTRACT.

This article arises from the need to articulate the historical concepts of "Experience Class" and "Class Consciousness" that are embedded within a context of promoting ideals similar to those advocated by Thompson (2011). But they also show up on trimming the space / time of the rural community of Engenho Geraldo, Alagoa Nova-PB, in the years between 1975 and 1984. Place where it developed a movement for land developed by women leaders who sought the right to land and agrarian reform. Our goal is to see how one of these women, Josefa Cobé Ermina (Nêm Cobé) developed practices in community awareness through popular education, in order to promote a collective fight for rights to a plot of land. Thinking like this that got their goals from their place of femininity presented similar to that advocated Scoot (1996) and how this, today, seeing his last fight shown by his memories, Bosi (2009) way. I present here some of these leadership practices evidenced in their oral reports.

Keywords: peasant woman; Class consciousness; Struggle for land.

¹ Mestrando pelo programa de pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, PPGH/UFPB.

INTRODUÇÃO.

Um traço marcante na formação social dos indivíduos é sua subjetividade, nesta, traços e ordenamentos culturais são moldados de maneira única a cada ser, sendo pertencentes aos mesmos no decorrer de suas vidas. Tal característica, nos torna diferentes de outros seres - ditos irracionais, pois ao contrario destes, estamos em uma constante busca por marcos indenitários que nos trazem singularidades, são tais marcos que, como diz Hall (2012), ajudam a formar nossas identificações que variam de acordo com a pertinência de nossos asseios momentâneos. Na dualidade de subjetivação e racionalidade buscas por ideais são construídas como base nas relações dos sujeitos. Neste sentido, vejo anseio pela liberdade², aqui entendida, como modo operante de uma relação de dependência e busca constante dos indivíduos é algo que alimenta nossos pensamentos de maneira constante.

Pensar a busca por liberdade é refletir sobre o papel dos nossos desejos mais básicos, tais como: ter onde morar; ter com quem construir relações de amizade e amorosas; ter um meio de sustentar sua família. Nesta gama de possibilidades que abrem-se do interior subjetivo dos indivíduos para sua relação social, temos algo fértil ao historiador, que sensibilizado pelas relações que os indivíduos constroem nos diversos meios - em espaços e tempos distintos, tem em mãos um campo de trabalho infinito para o estudo das relações socioculturais dentro da História.

Este texto se caracteriza como uma contribuição à percepção das relações e sociabilidades de uma mulher³ - Josefa Ermina Cobé,⁴ mais conhecida entre os que a admiram e lançam relações de puro sentimento com a mesma de “Nêm Cobé” - vulgo d que irei apropriar-me nesta narrativa. Nêm Cobé, que em sua História vida se constrói como liderança na comunidade rural Engenho Geraldo,⁵ de Alagoa Nova-PB. Adquire em suas relações sociais, desejos e anseios primordiais de busca pela liberdade, que a

² Árvore da liberdade seria uma representação simbólica utilizada por grupos, aos quais Thompson(2011) chama de Classes. Um galho de árvore era levado em cortejo simbolizando a liberdade que alguns grupos sediciosos ingleses queriam, estes se inspiravam em ideais da Revolução Francesa. Ver: THOMPSON, Edward T. **A formação da Classe operária Inglesa: A árvore da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Vol. 1, 2011, p. 99-133.

³ Obra o Segundo Sexo, que segundo Soihet (2000) foi publicada em 1949, repercutindo e influenciando o ressurgimento do movimento feminista francês.

⁴ Líder camponesa, hoje com 90 anos foi uma das lideranças do movimento de reforma agrária acontecido no Engenho Geraldo de Alagoa Nova-PB. Conhecida na comunidade por Nêm Cobé, vulgo no qual irei referi-la neste trabalho.

⁵ O Engenho Geraldo foi uma propriedade de 2.500 hectares aproximados pertencentes a família Tavares De Mello Cavalcante, no município de Alagoa Nova-PB que em 1984 passou reforma agraria promovida pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Nestas terras 555 famílias foram beneficiadas com lotes proporcionais a sua renda e proporção familiar. Dados obtidos na Gerencia regional do INCRA, João pessoa PB, Bairro Pedro Gondim. Em 15 de maio de 2014.

seu ver, está relacionada a obtenção de um pedaço de terra para os/as trabalhadores/as de sua comunidade.

Falar desta mulher é perceber que em suas práticas subjetivas foram construídos modelos de educação popular ⁶, que fortaleceram nas suas sociabilidades dentro da luta social do Engenho Geraldo, tornando-a deste modo, uma personagem relevante para os que participaram do movimento de reforma agrária acontecido entre o período de 1975 e 1984 ⁷ em tal ambiente. Assim, ela se encontra em um contexto de movimento social, luta pela terra e a mobilização dos trabalhadores/as do campo, que viviam em condições injustas de divisão social, onde eram obrigados/as a pagar arrendamentos aos “donos da terra” em condições desumanas de trabalho. Sendo esta figura, uma das responsáveis pela mobilização dos/as camponeses/as apresenta-se neste artigo como uma das protagonistas deste acontecimento histórico.

Neste sentido, busco falar das experiências de classe⁸ desenvolvidas por Nêm Cobé como mecanismos de formação de uma consciência coletiva de pertencimento a terra e a comunidade dentre os que participaram do movimento, algo semelhante ao que pensou Thompson (2012) ao definir classe como algo que acontece em diferentes momentos históricos, obedecendo a fatores culturais de cada período, mais que tem nos sujeitos sociais que protagonizaram cada um, aspectos históricos únicos. Assim, a reforma agrária e a participação desta mulher no Engenho Geraldo, apesar de não ser igual aos exemplos apresentados na “*Formação da Classe Operaria Inglesa*” ou a outras condições semelhantes em diversos espaços e tempos se caracteriza como uma História possível a narrativa que pretendo construir.

Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma “estrutura”, nem como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas (THOMPSON, 2011, p.10).

Para discutirmos sobre a questão da terra no movimento social que foi iniciado na cidade de Alagoa Nova, tomamos como evidências a História Vida de Nêm Cobé, uma das líderes deste movimento, cuja a importância não pode ser medida. Mas, diante

⁶ Ver: GOHN, Maria da Glória: **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo; Cortez, 2010. P.22-29.

⁷ O reconto temporal deste trabalho define-se entre os anos de 1975, ano da morte de Pedro Tavares de Mello Cavalcante, último herdeiro direto dos “senhores do Engenho Geraldo” e 1984, ano da obtenção da posse definitiva da terra pelos/as trabalhadores/as.

⁸ Ver: THOMPSON, Edward T. **A formação da Classe operaria Inglesa I: A árvore da liberdade**. Op-Cit. P. 10-11.

de suas ações no coletivo, onde movia os/as trabalhadores/as rurais de forma única pela obtenção de direitos, torna-se uma protagonista da História. Este trabalho faz parte dos primeiros passos de uma pesquisa, cujo foco está centrado na vida das líderes comunitárias do movimento dos trabalhadores/as no Engenho Geraldo.

Deste modo, utilizamos a metodologia da história oral a partir dos estudos desenvolvidos por Alberti (2005), em interface com a autobiografia Souza (2008), para poder a partir dos atos de memória dos idosos Bosi, (2009), discutirmos acerca da história dos movimentos e sua luta pela terra, no contexto ditatorial e suas repercussões no município.

ENTRE A CONSCIÊNCIA DE CLASSE A PRÁTICA FEMININA.

Nêm Cobé, entra no movimento do engenho Geraldo em meados da década de 1970, motivada por um sentimento de que transcendia a uma busca pela liberdade de plantar e de ter sua terra dos/as trabalhadores/as da sua comunidade. Esta mulher, começa a sensibilizar-se com os sofrimentos dos seus compadres e comadres que estavam preocupados com a eminente morte de Pedro Tavares de Mello Cavalcante, último herdeiro direto da propriedade Engenho Geraldo e a possível vinda de seus sobrinhos, para reivindicarem seus direitos a herança. Fato que perpassaria o despejo dos moradores da comunidade.

Esta década marcada por angústias dos que conviviam nesta comunidade, também era um momento de incertezas pois existia, o medo da perda do lote de terra, - já que boa parte dos/as trabalhadores/as eram posseiros ou Meeiros⁹. Da perseguição política/ ideológica de um regime ditatorial que se instaurava no Brasil naquele momento, da justiça local, que os caracterizavam como medrosos/as agricultores/as que não podiam e nem sabiam reivindicar direitos junto as autoridades competentes. Esta nuvem de medos que pairava sobre as cabeças dos que viviam na comunidade foi o principal motivo apontado por Nêm Cobé para sua entrada no movimento. *“Eu comecei na lutar por causa da reclamação e do sofrimento do povo, eles conversavam com a gente, e diziam que viviam nas terras dos outros não tinham direito de plantar um pé de*

⁹ Posseiros e meeiros eram agricultores/as que trabalhavam nas terras de um “senhor de engenho” em troca disto, a produção agropecuária deveria ser dividida com o dono da terra. Ou dias de trabalho deveriam ser destinados para pagar o aluguel da terra

banana, um pé de laranja, não tinham direito de fazer uma casa, né, só faziam qualquer coisa quando o proprietário mandasse¹⁰”.

Pensar que esta causa apesar de não ser o único, seus recortes de memória, mostram que a causa de sua entrada no movimento foi seu desejo de ajuda para com seus companheiros que estavam sofrendo diretamente com a ameaça de um possível despejo de sua terra. Fator importante é lembrar que Nêm Cobé não nasce e nem mora no Geraldo, ela residia em sua infância na cidade de Soledade no Cariri¹¹ paraibano, e por volta dos 12 anos de idade migra para o Brejo¹², passando a residir em outra comunidade rural nas proximidades do Engenho Geraldo. Em suas memórias percebemos que traços desta infância são colocados como base para a sua formação de luta, algo que BOSI (2009) afirma ao narrar que a não plenitude dos relatos dos velhos também nos traga muita de informação sobre sua vivência de juventude.

Há dimensões de aculturação que sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenitude: o rever do que se perdeu de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir de andar e de agir (BOSI, 2009, p.74).

Imbuída de um sentimento de luta que foi se fortalecendo em suas vivências através do conhecimento que ganha em sua comunidade e o respeito dos muitos/as que lhe convidavam para ser madrinha de seus filhos/as. Nêm Cobé começa a caminhada que durara 10 anos numa sensibilização constante da comunidade através de suas práticas de educação popular, efetuada em suas vivências na comunidade.

Com seu discurso de fácil entendimento e amizade com todos/as da comunidade ela começa através dos encontros religiosos, alimentar nas pessoas uma consciência de classe que se sustentava na sua experiência de vida que a nosso ver era sobretudo uma experiência que era transmitida aos outros moradores e moradoras do Geraldo através, de seu conhecimento adquirido pelas leituras que tivera.

Nos encontros a gente começava rezando e depois debatia os problemas, eles (o povo) faziam uma perguntas dos problemas que

¹⁰ Entrevista Nêm Cobé, dia 09 de julho de 2011.

¹¹ Microrregião geográfica paraibana, o Cariri paraibano é formado por 29 municípios, abrigando uma população de mais 160 mil pessoas. O clima é tipicamente semiárido. Disponível em < <https://www.flickr.com/photos/egbertoaraujo/collections/72157621392241019/>> acessado em 30 de julho de 2014.

¹² Microrregião geográfica paraibana, O Brejo pertencente à Mesorregião do Agreste Paraibano. Sua população foi estimada em 2012 pelo IBGE em 115.923 habitantes e está dividida em oito municípios. Disponível em < http://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o_do_Brejo_Paraibano> acessado em 30 de Julho de 2014.

sofriam aqui no Geraldo e depois diziam o que podia fazer na comunidade consegui nossa terra. E foi assim que eu consegui ainda mais conhecimento eu passei a ser convidada pra os encontros e eu ia com prazer{...} Eu estudava livros que tinha a Lei 4.404 pra poder lutar pelo povo. Esses livrinhos falavam do sofrimento do pobre e como devia ser tratada as famílias e o povo gostava do que eu dizia e ia cada vez mais mim chamando pra se reunir. Eu conversei muito também com Dom José Maria pires que também dava conselho.¹³

Nas falas de Nêm Cobé é perceptível o conhecimento que se adquire durante sua vida com a experiência de classe do mundo ao qual ela está inserida, agrário, capitalista, segregatício, Machista, etc. Ao mesmo tempo em suas relações com pessoas que passava uma conscientização de valores de luta, reivindicação de direitos, concretização religiosa, etc. Notamos que a consciência de classe tornava-se evidente em vários momentos de sua vida. Suas falas, nesse sentido, aproximam-na ao debate o que foi trazido por Thompson quando afirma. [...] *A experiência de classe é determinada, em grande me, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de Classe é a forma como estas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais[...]* (THOMPSON,2011, p.10).

A História Social se destaca como importante linha teórica de análise das relações existentes entre esta mulher e a comunidade a qual ela está inserida como mobilizadora de uma consciência de classe coletiva. Mais especificamente quando adentramos a “Nova História Social”, que pode ser pensada como linha teórica possível a sustentação dos aspectos ligados aos embates existentes entre as classes trabalhadoras e padrão, como defende Bittencout (2009), que em nosso caso, tal ralação foi construída a partir da mobilização de algumas lideranças, dentre as quais, aqui destaco Nêm Cobé.

A “nova história social”, aproximando-se da Antropologia e da Literatura, preocupar-se-ia com diversos agrupamentos além daqueles caracterizados por um quadro socioeconômico, incluindo gênero, etnia, idade, etc. E como esses aspectos se relacionam com as diferentes classificações dos grupos sociais. As grandes mudanças e os processos sociais são muitas vezes identificados a partir do estudo de uma realidade particularizada, em alguns casos, próxima de uma dimensão analítica etnológica (BITTENCOUT, 2009, p.4).

Percebemos que o debate que converge a Antropologia e as outras Ciências Sociais, dentre as quais a História, torna-se bastante pertinente, pois vemos a possibilidade de análises das realidades do contexto social paraibano no período estudado de maneira sistematizada dentro desta vertente teórica. Outro ponto pertinente é

¹³ Entrevista Nêm Cobé, dia 09 de julho de 2011.

pensar que o próprio contexto histórico do período apresentado neste trabalho, propiciava movimentos sociais se vinculavam a pensamentos de esquerda, que inseriam nos diversos contextos de lutas agrárias pensamentos de luta e de “consciência de classe”. *Basta pensar que “entre as décadas de 1970 e 1980 as ações trabalhistas no país. São trabalhadores lutando pela liberdade, lutando por melhores condições de trabalho, lutando para que o direito a uma alforria seja respeitado “(VASCONCELOS, 2005, p.9).*

Nêm Cobé, diz, que muitos dos ensinamentos que adquire na sua vida de militante pela terra, foram repassados dos que participaram de forma indireta do movimento, pessoas que trouxeram para esta trabalhadora suas experiências e fizeram com que está a partir da relação cultural que mantivera com os/as demais trabalhadores/as a sensibilizara para uma tomada de posição em relação a luta pelos direitos à terra. Esta luta durara dez anos, partindo de um primeiro momento com a morte Pedro Tavares de Mello Cavalcante em 1975 – ano, que por seus relatos, ela entra no movimento, até 1984, - período da entrega definitiva da posse das terras aos/as trabalhadores/as rurais do Engenho Geraldo.

A gente sabia que a coisa era bem maior do que nós, por trás tinha o povo da igreja da JAC (Juventude agrária católica) e muita gente grande apoiando nosso movimento. Tinha padres, bispos que já faziam isso em outros lugares e estavam dispostos a ajudar. Eles já contavam para gente aquelas história que tinha acontecido em outro lugar, e assim agente foi aprendendo, eles deram agente pra estudar o livrinho dos direitos humanos, ai com esse livrinho aprendemos também muita coisa, como era que acontecia as coisas e como podíamos lutar.¹⁴

Entender a particularidade cultural que é vista na teoria de Thompson, é um exercício de ligação de seus pensamentos com as semelhanças em outras linhas teóricas, tais como as “*Escola dos Annales*” que também em certo momento, tenta perceber a cultura como fator preponderante para construção de um saber histórico. Não estamos aqui, querendo fazer comparações ou medir patamares de verdades para as teorias defendidas por ambas as correntes, mas concordando com Silva (1998), existem pontos de convergências entre tais teorias as quais podemos extrair para nosso debate a particularidade do ser agricultora, lutar pela terra, ter suas próprias vontades e sonhos de liberdade. Que são adjetivos importantes na caracterização das ações de Nêm Cobé junto a sua comunidade.

Se todas as questões relativas à natureza da disciplina histórica e a seus métodos de investigação revelam uma grande similaridade de ideias entre os fundadores dos Annales e o historiador marxista inglês,

¹⁴ Entrevista, dia 09 de Julho de 2011.

cabe-nos agora explicitar os pontos em que suas abordagens se distanciam. Tais pontos, acreditamos, derivam muito mais das preocupações diferenciadas que conduzem suas obras, suscitadas pelos contextos históricos específicos nos quais elas emergiram e que informaram suas noções metodológicas, que de divergências de cunho teórico. (SILVA, 1998, 102)

Suas vivências de luta em grande parte se configuravam como práticas de uma educação popular, semelhante ao que pensou Cohn (2006) ao refletir que a educação popular seria aquela que se desenvolve no ambiente externo a escola. As atitudes de conscientizar o povo promovidas por Nêm Cobé, deste modo eram em primeira instância atitudes que induziram a comunidade Engenho Geraldo a se sensibilizar e promover a tão sonhada reforma agrária.

As novenas, os encontros, os debates e as reações de amizades construídas por ela foram importantes para a tomada de um sentimento de pertence pela terra dos que viviam na comunidade. Vejo isto como uma prática inclusiva que se consolidou na vivência social do povo que conviveu neste movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Estes escritos são base de uma reflexão acerca da tomada de uma posição com relação ao conceito de “classes” descritos por Thompson (2011) em suas implicações ao que tange o aspecto social e interacional com a cultura. Também, revelam um posicionamento referente aos pontos de convergência entre a *experiência de classe* e *consciência de classe*. A primeira apresentada como as experiências trazidas por um grupo ou indivíduo, já a segunda sendo caracteriza pelo adestramento de fatores culturais a uma tomada de posição sobre lutas sociais dos homens e mulheres que dela fazem parte.

Vejo em Nêm Cobé - uma mulher, que como tantas outras que tomou para si um ideal de luta por causas sociais. Sua luta que se baseia sobretudo por uma busca por valores indenitários de pertencimento a terra é também permeada por própria construção de feminilidade. Uma líder camponesa que buscou em uma sociedade machista se afirmar como liderança para assim promover conquistas para a comunidade que viverá.

A educação inclusiva, portanto, se insere a relação construída por Nêm Cobé na comunidade engenho Geraldo, uma educação que não se restringiu a formalidade escolar, mas que pelo contrário atingiu âmbitos de relações cotidianas de sensibilização. Uma educação que não tivera como objetivo instruir sobre sílabas ou números, mas sim, evidenciar o sentimento de luta coletiva em todos que da comunidade fizeram parte. Uma educação que não teve como objetivo a criação de uma cátedra, mas sim a

consolidação de um respeito coletivo que a comunidade alimentou sobre a figura de Nêm Cobé.

REFERÊNCIAS.

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 15. Ed. São Paulo-SP: Companhia das letras, 2009.
- BITTENCOURT, Ícaro. **O mutualismo operário e os desafios à história social**. nº 4, Vol.2, Aedos, 2009.
- GONÇALVES, Margareth de Almeida. **Viagem e escrita de si em Maria Graham**. Seropédica-RJ, EDUR, v. 29, n. 1. Rev. Univ. Rural, Sér. Ciências Humanas. jan.-jun, 2007.
- GOHN, Maria da Glória. **Novas Teorias dos movimentos sociais** 3. Ed. São Paulo: Louola, 2010.
- _____. **Movimentos sociais e redes de mobilização civis no Brasil contemporâneo**. Petrópolis - RJ: vozes, 2010.
- _____. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo; Cortez, 2010.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPeA, 2006.
- MATOS, Maria Izilda s. de. **Da invisibilidade ao gênero: percursos e possibilidades nas Ciências Sociais contemporâneas**. São Paulo-SP: Margem, 2002. Nº15.
- PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. 23.Ed. São Paulo-SP: Brasiliense, 2004.
- VASCONCELOS, Tânia Maria pereira. **A perspectiva de gênero redimensionando a disciplina histórica**. Vol.3, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, 2005, p.7.
- VIEIRA, Maria do Pilar Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em História**. 5.Ed, São Paulo-SP Ática, 2007, P.80.
- THOMPSON, Edward T. **A formação da Classe operaria Inglesa: A árvore da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Vol. 1, 2011.
- SILVA, Ana Rosa Clochet da. **Thompson e a primeira geração dos Annales: uma abordagem comparativa a partir das noções de estrutura e processo em história**. História Social Campinas - SP . 1997/1998, p. 91-134.
- MUNHOZ, Sidnei. **Fragmentos de um possível diálogo com Edward Palmer Thompson e com alguns de seus críticos**. Revista de História Regional- USP. 1994. p 154-174
- SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil da análise histórica**”. Educação e realidade. Porto Alegre: vol.20, nº2, 1995, p 77-99.
- SOIHET, Rachel. **A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz**. Revista Brasileira de Educação: Set/Out/Nov/Dez nº 15, 2000. P.97-117.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto)Biografia, identidades e alteridade**: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. Ano 2, vol 4. Jul-Dez de 2008, p. 37-50